



José Carlos de Moura fala sobre a evolução da centenária Orquestra Sinfônica de Piracicaba

O agrônomo José Carlos de Moura (foto), 72, funcionário da Fealq (Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz), não possui nenhuma habilidade artística, no entanto, a música está presente na sua vida mais que como um simples passatempo.

A arte de Moura é trabalhar para que cada vez mais pessoas tenham acesso à música erudita e que mais músicos tenham a oportunidade de mostrar seu talento e estudo.

Ele faz isso como um dos dirigentes da OSP (Orquestra Sinfônica de Piracicaba), instituição onde atua há 20 anos.

O interesse de Moura pela orquestra nasceu da extensão de seu amor pela música.

Tudo começou na escola, quando estudava em sua terra natal, em São José dos Campos.

Ele contou que foi lá que em 1952 conheceu a cantora Inezita Barroso.

Depois disso ele descobriu a música de Pixinguinha e apurou seu gosto entre a música folclórica e urbana até chegar à erudita.

Ele chegou a Piracicaba em 1962 para estudar na **Esalq** (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz).

Desde então sua história foi construída no município.

Sua contribuição se expressa cada vez que os músicos da OSP tocam.

Com muitas mudanças acontecendo na OSP, Moura conta evolução desta história ao longo dos anos.

Quando e como começou sua relação com a OSP? Meu envolvimento começou em 1995. Eu procurava algumas informações culturais de Piracicaba para promover um evento no ano seguinte. Até que me deparei com um pequeno livro biográfico sobre o compositor Erotides de Campos. Lendo descobri que ele completaria 100 anos em 1996 e esta data deveria ser comemorada. A publicação informava que ele tinha composto 330 obras e comecei a procurá-las para compor um concerto, que seria realizado em outubro do outro ano. Queria selecionar entre 15 e 20 para fazer um concerto já com a OSP. Fiquei decepcionado, porque depois de uma busca intensa só achei 50 composições. As levei para o maestro Almeida Prado, na época na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). Ele analisou ressaltou a importância do compositor, mais do que pensávamos. Isso foi quase uma ordem para eu continuar buscando outras peças dele. Nesta altura dos acontecimentos, percebo que deveria fazer uma nova biografia e me comprometi que entregaria esta biografia no concerto do centenário de Erotides de Campos. Não cheguei as 330, mas 197, que fazem parte do livro que foi entregue aos que interessaram na ocasião. Provavelmente ele teria 230 obras e eu consegui 230 títulos. O concerto foi muito comovente e a partir daí comecei a colaborar. Na época, o maestro era Hélio Manfrinato, responsável pelo um grande avanço da orquestra neste período. Mais tarde a OSP passou pela regência do maestro Egildo Rizzi, que foi responsável pela sua estabilidade durante 20 anos.

Qual o seu papel na OSP? Eu sempre fui um colaborador, sem nenhum cargo. Eu tenho cuidado em falar da orquestra, porque não sou dela. Considero que da OSP quem deve falar é o regente. O que falo é como apreciador de música e colaborador.

Qual foi o momento mais marcante da OSP que você acompanhou? Acho que foi o concerto do centenário. Foi o mais comovente, porque inclusive levamos um sócio do Erotides de Campos. Tinha muita gente, o auditório do Teatro Municipal Dr. Losso Netto foi às lágrimas. Quase 20 anos após este concerto, praticamente se tornou obrigatório o reconhecimento da cidade ao compositor e o novo teatro às margens do rio, que foi cantado por ele, recebeu o nome seu nome. Uma justa homenagem.

Foram muitos anos regidos pelo Rizzi, anos que também tiveram dificuldades e conquistas. Como foi este período? Este período foi de estabilização da orquestra, que sempre contou, independente dos prefeitos que se sucederam, com o apoio da municipalidade. Este apoio sempre foi pequeno, especialmente se consideramos o custo da orquestra. Basta dizer que o orçamento para a orquestra de Campinas, custeado pelo município, é de R\$ 8 milhões. Já nós contaremos este ano com R\$ 600 mil. Contudo, nós sabemos que é o que município pode conceder neste momento. É preciso entender que a OSP é a instituição cultural mais antiga e mais importante da cidade. São 115 anos, ela foi fundada em março de 1900 em um concerto na Catedral Santo Antônio.

Vocês convidaram o violoncelista André Micheletti para assumir a regência da OSP e de um ano para o outro aconteceram muitas mudanças, com o maestro Jamil Maluf chegando para fazer parte desta história. O que está achando desta nova fase? O maestro Rizzi regeu a orquestra por aproximadamente 20 anos, até poucos dias antes de falecer. O último concerto regido por ele aconteceu em 20 de dezembro de 2012 e ele faleceu na virada do ano, dez dias depois. A dedicação dele até o final da vida foi extrema e de certa forma muito comovente. No último concerto, quando foi gravado um DVD com músicas da cidade, ele já não estava se sentindo bem durante a regência, mesmo assim persistiu até o término do programa. Ele dizia, nos intervalos na coxia, é preciso chegar ao fim. Foi um momento muito emocionante. Bom, eu tinha encontros semanais com o Rizzi e ele havia apontado André Michelletti, seu antigo aluno, como um possível sucessor dele próprio. Coube a mim então procurar o violoncelista e propor-lhe que assumisse a regência da orquestra. Ele aceitou prontamente, como homenagem ao antigo professor. Alguns meses depois, em contato com o maestro Jamil Maluf, o André ouviu dele o interesse em colaborar com a OSP. Esta surpreendente e inesperada oferta foi analisada pela diretoria da orquestra e aceita com muita honra.

Esperavam tantas ideias e propostas? Era anseio da OSP este impulso de novos projetos? Não houve uma mudança, mas uma evolução da orquestra, impulsionada por novos conceitos, já que cada regência é um conceito diferente. Também tivemos o interesse crescente da municipalidade. O prefeito Gabriel Ferrato e a secretária da Semac (Secretaria Municipal da Ação Cultural), Rosângela Camolese, prometeram e cumpriram aumentar a verba da orquestra. Com isso poderemos promover maior número de concertos e desenvolver um antigo projeto das diretorias. Alavancado pelo maestro Jamil Maluf, com vistas ao desenvolvimento musical da coletividade, serão realizados concertos didáticos, destinados ao público infantil e escolar. Esta etapa inclui necessariamente a adesão já confirmada da Secretaria Municipal de Educação.

Vocês estão com nova sede. O que pretendem fazer no espaço? Qual a importância dele? A prefeitura nos cedeu comodato uma sede no bairro Jaraguá, que necessita de adequações e equipamentos para que possa servir de escritório administrativo, espaço para ensaios dos músicos, conferências e cursos, visando a comunidade. Depois de um século esta nossa demanda está sendo atendida.

Tem previsão? Precisamos arrecadar uma quantia para tornar o espaço adequado para as propostas. Pode ser que com os recursos captados com a Lei Rouanet nós conseguiremos fazer isso nos próximos meses.

O senhor já comentou sobre o aumento do repasse da prefeitura. Na prática, o que isso significa. Significa mais ensaios da orquestra, possibilidade de remuneração um pouco melhor aos músicos e maior presença da orquestra na comunidade.

Qual a maior dificuldade em se administrar uma orquestra? Falta de recursos.

Já são 115 anos de OSP. Quais os ideias que iniciaram a orquestra e quais são os que a mantêm hoje? Mudamos nosso estatuto, mas no primeiro temos uma frase do maestro que fundou a OSP, Lázaro Rodrigues Lozano. Ele escreveu: A educação musical artística popular propriamente dita, em geral, ainda está quase por se fazer; e ela tem de nascer, antes que dos conservatórios de música e congêneres (estabelecimentos estes que têm muito contribuído e contribuirão para o desenvolvimento da cultura técnica superior), das escolas normais e similares, nas quais terá sua mais pujante origem, seu mais brilhante berço.... Esses propósitos se mantêm até hoje, por isso a orquestra fala dos concertos didáticos.

Quais mudanças desta fase você acredita que será especial? As grandes mudanças para a temporada que se inicia se resumem a duas, maior frequência dos concertos e realização de concertos didáticos, que visam a formação de público.

Como está a programação para este ano da OSP? Vai começar dia 11 de abril (no Teatro do Engenho). Temos uma programação para o ano todo. O público saberá do próximo ao final do primeiro.

Jamil Maluf sempre ressalta que objetivo é que a OSP consiga manter uma programação contínua e que ela seja mantida tanto pelo poder público quanto pela iniciativa privada. O que acha desta visão? A OSP é sui generis desde o seu início, com muita dificuldade ela se manteve sem ou com muito pouco recurso oficial. Pretendemos continuar tendo a colaboração, desde que este recurso cresça e os aportes financeiros captados pela Lei Rouanet sejam efetivos, isto é, que contemos com o apoio das empresas da cidade. Desta maneira, a orquestra poderá sobreviver, o que tem sido conseguido a duras penas, ao longo de mudanças administrativas e políticas do município. É importante entender que sem apoio oficial da cidade fica mais difícil o apoio de empresas.